

## Prêmio Nobel de Medicina

Os ganhadores do Nobel de Ciência de 2006 tinham trabalhos relacionados com Genética, enquanto Andrew Fire e Craig Mello receberam o Nobel de Medicina ou Fisiologia, por terem descoberto o fenômeno conhecido como interferência de RNA (RNAi). O processo natural regula a produção de proteínas na célula a partir de informações do DNA. O mecanismo já encontra larga utilização na pesquisa biomédica por ser um meio de “silenciar” genes inoportunos (envolvidos em doenças, por exemplo).

Roger Kornberg levou o de Química, pelos resultados de duas décadas de trabalho sobre os detalhes do conjunto de moléculas que faz a leitura do DNA, como um pulso de laser extrai as informações de um CD ou DVD. Arthur Kornberg, seu pai, havia recebido o Nobel de Medicina de 1959, também por revelações sobre DNA e RNA.

Atualmente, se quiser muito ganhar um Nobel, um pesquisador, de qualquer país, verá suas chances aumentarem ao investir toneladas de talento e recursos em biologia molecular – DNA, RNA, genes, etc... Em 1958 iniciou-se uma série dilatada de prêmios para essa área, culminando com os de 2006.

Cerca de um terço das premiações em Medicina, pós-1958, saíram para a escola que tem James Watson e Francis Crick como patronos. Isso para não falar de um quinto dos de Química abiscotados pela mesma turma. Marcelo Leite escreveu no seu blog: “Nada mau para uma disciplina (biologia) que nem mesmo estava no radar original de Nobel. Deus salve o DNA, pois a ciência crê que nele está escrito o Livro da Vida”.

## Próxima Conferência da Academia

*A XI Conferência Nacional da Academia Brasileira de Reumatologia será realizada na Jornada Norte/Nordeste de Reumatologia, de 22 a 24 de março de 2007, em Fortaleza – CE.*

*O Encontro da Academia Brasileira de Reumatologia, organizado pelo Prof. Dr. Eduardo Gonçalves, acontece no dia 23, sexta-feira, das 15 às 17.30h, no Hotel Oásis.*

**Informações úteis**  
**Agência de turismo do evento:**  
**Casablanca Turismo**  
**tel. (85) 3466-6000**  
**[www.casablanca.tur.br](http://www.casablanca.tur.br)**

**Passagens a preços especiais**  
**confira no site da Gol:**  
**[www.voegol.com.br](http://www.voegol.com.br)**

## PIONEIRO

O Prof. Dr. Wiliam Habib Chahade nasceu em Sergipe. Veio para São Paulo, onde formou-se, em Medicina, no ano de 1966, sendo que, nesse mesmo ano apresentou um trabalho no Congresso da especialidade. Foi eleito presidente da Sociedade Brasileira de Reumatologia (1980-1982). É Mestre e Doutor em Reumatologia pela Universidade de São Paulo. Foi designado presidente do XVII Congresso da Liga Internacional contra o Reumatis-

mo, realizado na cidade do Rio de Janeiro, entre 17 e 23 de setembro de 1989. Este Congresso foi realmente um sucesso científico, cultural e social e permitiu que até hoje seja obtido fundos para pesquisas em Reumatologia, em todo o Brasil. Realiza encontros periódicos com quase 200 residentes e ex-estagiários que passaram pelo seu Serviço, que mantém um site dinâmico na Internet ([www.cerir.org.br](http://www.cerir.org.br)).



Monitor Científico da Organização Mundial de Saúde e fundador da Sociedade Brasileira de Osteoporose. É membro titular da cadeira n.º 40 da ABR

# O Porquê e Para que

Prof. Dr. Antonio Carlos Ximenes



Boletim Acadêmico  
Órgão Oficial da Academia  
Brasileira de Reumatologia

## DIRETORIA BIÊNIO 2005-2006

### PRESIDENTE

Antonio Carlos Ximenes

### 1º VICE - PRESIDENTE

Walber Pinto Vieira

### 2º VICE - PRESIDENTE

Elizia Fernandes Lima

### 3º VICE - PRESIDENTE

João Francisco Marques Neto

### 4º VICE - PRESIDENTE

Joaquim Jaguaribe Nava Ribeiro

### SECRETÁRIO GERAL

Lauredo Ventura Bandeira

### 1º SECRETÁRIO

José Francisco Conte

### TESOUREIRO

Mário Newton Leitão Azevedo

### DIRETOR CIENTÍFICO / EVENTOS

Aloysio João Fellet

## CONSELHO DELIBERATIVO

### MEMBROS DA DIRETORIA

#### EX - PRESIDENTES

Roberto Carneiro

Aloysio J. Fellet

Rubem Lederman

Geraldo W. S. Gonçalves

Ueliton Vianna

Lipe Goldenstein

Adil Muhib Samara

### MEMBROS CONSELHEIROS

Geraldo Gonçalves

Joaquim Nava Ribeiro

Aquilles de Almeida Cruz

Hilton Seda

Caio Moreira

## BOLETIM ACADÊMICO

### CONSELHO EDITORIAL

José Knoplich

Roberto Carneiro

Lauredo Ventura Bandeira

### SITE DA ACADEMIA

<http://www.academiareumatol.com.br>

### SEDE PROVISÓRIA

Av. Ismerino Soares de Carvalho, 742

5º Andar – CEP 74075-040

Setor Aeroporto – Goiânia – Goiás

Tel: (62) 32255290

(62) 99781896



BOLETIM  
DA ACADEMIA  
BRASILEIRA  
DE REUMATOLOGIA

Editado Pela Medgraf  
(11) 3826-7805

O início desta missão na presidência da Academia Brasileira de Reumatologia (ABR) será reforçada e dimensionada por um francês acadêmico, Victor Hugo, que, brilhantemente, disse: “A opinião de um homem pode mudar honrosamente, desde que a sua consciência não mude”. As idéias não podem morrer.

Assim sendo, em Campinas, no dia 7 de setembro de 2006, tive uma forte emoção ao receber o bastão presidencial da ABR do Prof. Geraldo Gomes de Freitas, sem dúvida um legítimo representante do pioneirismo, intelectualidade e cultura reumatológica nacional e internacional.

Absorvi a responsabilidade e me sinto desafiado nestes próximos dois anos a presidir a ABR e é neste momento que cabe a pergunta: “Porquê e para que?”

Estas indagações podem ser parodiadas ao que disse o poeta Fernando Pessoa sobre as coisas inexplicáveis, que são realizadas por pessoas incomparáveis, criando momentos inesquecíveis. Esta tem sido a trajetória dos fundadores e ex-presidentes da ABR.

O porquê mais evidente e contundente será adicionar à especialidade Reumatologia, no Brasil, um maior espaço e aglutinar maiores conhecimentos de nossa origem, de nosso acervo histórico, em comum acordo com a Sociedade Brasileira de Reumatologia (SBR). Focar cada vez mais o resgate da memória e torná-la viva nas gerações precedentes, atuais e futuras. O porquê também se centraliza no reconhecimento a quem construiu, plantou, gerou, edificou e exemplificou. A preservação destes fatores e variáveis é muito importante porque na nossa cultura os substantivos memória, reconhecimento e justiça são muito pálidos ou obscurecidos, pois parece que estão quase todos deletados em nosso dicionário afetivo.

Outra questão do porquê e para que: O nosso iceberg está derretendo? Estaremos perdendo a grande oportunidade de absorver dos nossos mestres pioneiros a chance de seus conhecimentos? A idéia do porquê e para que da ABR é fazer com que os reumatologistas entendam que arte e medicina se originam de uma mesma fonte. A Reumatologia é uma obra de arte da medicina interna. O Dr. Armando Bezerra nos ensina muito sobre as belas artes da medicina. A Reumatologia estimulando a curiosidade clínica e tentando desvendar os mistérios científicos acaba sendo um forte repertório desta integração da arte e ciência.

A nossa riqueza atual e do passado é muito grande. Valorizemos este presente. Corroboramos com esta afirmação o recente livro dos Profs. Viana de

Queiroz e Hilton Seda sobre a história da Reumatologia. Não podemos deixar sepultados estes valores históricos, daí o porquê e para que da ABR que pode auxiliar a SBR, nossa entidade científica atuante, nesta tarefa de arte e ciência.

Vamos estimular os acadêmicos a conciliar através da arte os mistérios da vida de artistas, as repercussões da Artrite Reumatóide na vida de pintores. Solicitemos novas luzes culturais sobre a história da civilização nas Tertúlias Acadêmicas. Estimulemos, cada vez mais, a arte na Reumatologia, como já ocorre nos nossos encontros científicos nacionais desde 1998 e muito valorizados no último congresso em Campinas, SP.

Todas estas inquietudes já justificam o porquê e para que da ABR, sem que nada interfira ou confronto com a nossa SBR, e, pelo contrário, só acrescente.

Vamos estimular as lições do Hipócrates da medicina moderna, Sir William Osler, ao nos ensinar o humanismo na Medicina, bem como seu notório saber em Reumatologia.

O dia 15 de Julho de 1949, quando se fundou a Sociedade Brasileira de Reumatologia, será sempre uma data muito importante.

Nossa eminente presidente da SBR, Prof<sup>ª</sup> Emília Sato, quando da comemoração dos 50 anos, foi muito feliz ao dizer que todos os reumatologistas são fundamentais e importantes nas suas atuações e atividades sejam elas societárias, científicas ou na formação de novos reumatologistas, tanto na graduação como na pós-graduação, em qualquer sentido senso lato e estrito.

Parabéns a todos nesta integração, desde Waldemar Berardinelli e Fernando Neubarth, sem nos esquecer de Torres Homem.

Saudemos todos os nossos decanos nas ilustres pessoas dos Profs. Geraldo Gonçalves, Hilton Seda e Acir Rachid.

O nosso intelectual reumatologista de Teresina, José Tupinambá, nos ajuda a terminar este Porquê e Para que ao parodiar Tchekhov dizendo “**Canta a tua aldeia e cantarás ao mundo**”.

Antonio Carlos Ximenes  
ABR 2006-2008

## Educação: O pior obstáculo para a América Latina *Andrés Oppenheimer*

Os dois rankings das melhores universidades do mundo de 2006, o suplemento de educação do London Times e o da Universidade de Xangai, atribuem notas muito baixas às universidades da América Latina.

A lista das 200 melhores universidades do mundo, em 2006, do Times, é encabeçada pela Universidade de Harvard, e inclui, apenas, uma universidade latino-americana: a Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM). A Universidade de São Paulo, que, em 2005, estava entre as 200 melhores (em 174º lugar) não aparece na lista deste ano.

Esta classificação se deve, em parte, pelo fato que 40% da pontuação depende da reputação que as universidades têm nos meios acadêmicos, e, não se vê muita pesquisa saindo das universidades latino-americanas.

Até a UNAM, que subiu do 95º lugar, no ano passado, para o 74º, este ano, obteve a pior classificação possível – zero – no item trabalhos científicos publicados em periódicos acadêmicos internacionais. A UNAM não produz muito em matéria de trabalhos científicos de alto nível. É uma universidade mais dedicada ao ensino que à pesquisa científica.

O ranking da Universidade de Xangai, por sua vez, é igualmente encabeçado por

Harvard e outras universidades dos Estados Unidos e Grã Bretanha, e inclui, somente, três universidades da América Latina entre as 200 melhores do mundo.

A lista coloca a Universidade de São Paulo entre a 102ª a 150ª posição, enquanto a Universidade de Buenos Aires e a UNAM estão entre a 151ª e a 200ª.

Não há o que celebrar na América Latina. As três universidades latino-americanas estão muito abaixo das universidades da China (a Universidade de Pequim é a 15ª do mundo na lista do Times). Cingapura, Índia, Coréia do Sul e vários outros países estão bem à frente da América Latina.

Como se explica que a China, com uma renda per capita de 1.943 dólares por ano tenha dez vezes mais universidades entre as 200 melhores do mundo (na lista do Times), do que o México, que tem uma renda per capita de 7.593 dólares, ou do que a Índia, com uma renda de apenas US\$ 769,00 anuais com três universidades na lista, enquanto o Brasil e a Argentina, com rendas de mais de US\$ 5100,00 cada, não tenham nenhuma?

Não é uma questão de quanto dinheiro é gasto pelos países em suas universidades, mas, sim, de como é gasto, segundo dizem

os especialistas. Enquanto nos Estados Unidos, Europa e nos países emergentes da Ásia, as universidades têm grandes incentivos para melhorar, na América Latina estão acostumadas a receber dinheiro de seus Governos sem ter que prestar contas.

Parte do problema é que os Governos não exigem padrões mais elevados de suas universidades. Elas têm muito poder político e resistem a ser avaliadas.

Mesmo assim, os Governos latino-americanos dão a maioria dos fundos para a educação superior às universidades, em lugar de dá-los aos estudantes. Se isso fosse feito, permitiria aos estudantes escolher onde querem estudar, e incentivaria a competição entre as universidades para melhorar a qualidade do ensino. Finalmente, as grandes



## Metade dos universitários não se forma

O Censo da Educação Superior, publicado em 2006, mostra que 51% dos alunos que ingressam anualmente nas Universidades não consegue, quatro anos depois, se formar.

Em 2002, no Brasil, 1,4 milhão de alunos ingressaram nas universidades públicas e privadas, mas, somente, 718 mil estudantes terminaram o curso em 2005.

No Japão, apenas 7% dos alunos não concluem o curso após quatro anos. No México, esse percentual chega a 31%. O patamar brasileiro é próximo do da Colômbia (51%). A evasão anual média é de 22%, na rede privada (25%) e na pública (12%). Ao longo dos últimos cinco anos, tanto a taxa de evasão anual quanto a evasão em quatro anos ficaram estáveis.

O principal fator que explica a evasão não é econômico, mas, sim, de qualidade do ensino, ou seja o desestímulo com o curso ou a falta de conhecimento prévio sobre a carreira escolhida no vestibular. O jovem faz muitas vezes uma escolha não acertada, muito precoce. A evasão no ensino superior varia muito de acordo com o curso. A média de evasão anual, nos últimos cinco anos, calculada pelo Instituto Lobo, em várias carreiras, mostra que, em medicina, ela não passa de 4%, enquanto o curso de marketing e publicidade e o de educação física apresentam taxas superiores a 30% (31% e 35%).

Há uma correlação entre o grau de dificuldade para entrar naquela carreira e a taxa de evasão. Medicina é uma carreira tão competitiva que, em geral, só vai para lá o aluno que está com uma decisão muito firme.

universidades públicas latino-americanas, como a UNAM, a USP e a UBA, são gratuitas, o que significa que a classe trabalhadora está subsidiando os estudantes ricos com seus impostos.

Um percentual significativo de graduados destas universidades são estudantes de classe média ou classe média alta que poderiam, perfeitamente, pagar seus estudos, como ocorre na China, Espanha e, na maioria dos países europeus. Na China, os universitários que podem, pagam a nada desprezível quantia de 600 dólares anuais, usados para dar bolsas aos estudantes pobres.

As universidades latino-americanas têm gente de muito talento e poderiam ser infinitamente melhores. Mas, para consegui-lo teriam que começar por admitir que têm que prestar contas às suas respectivas sociedades e modernizar-se.

*Andrés Oppenheimer é jornalista argentino. Resumido de um artigo do La Nacion.*

## Para que servem os computadores?

Ben Shneiderman

Muitas pessoas têm a crença equivocada de que os computadores podem ser inteligentes, e, que, também, estarão aptos a criar algo em sintonia com a sensibilidade de seus usuários. Computadores são apenas ferramentas, nem mais nem menos inteligentes que um lápis. A criatividade humana é a chave do futuro. As diferenças entre gente e computadores ficarão mais claras, mesmo quando comparadas com máquinas cada vez mais poderosas. Câmaras digitais têm um desempenho formidável como minicomputadores, mas, são os fotógrafos que tiram fotos. Elas são apenas ferramentas.

Os principais benefícios da nova computação é garantir a divulgação de informações médicas e melhor educação. Tecnologias avançadas vão aumentar a possibilidade de pessoas trabalharem juntas de forma construtiva. Espírito de equipe, colaboração e participação são as três palavras mágicas que irão desenvolver a criatividade individual e coletiva no futuro.

---

*Professor de ciência da computação da Universidade de Maryland, Ben Shneiderman é um entusiasta da inteligência artificial. Escreveu "O Laptop de Leonardo" (Editora Nova Fronteira, 2006), em que prevê um futuro brilhante para a humanidade no século 21.*

## Para que serve o cérebro humano?

Steven Rose

Cem bilhões de células nervosas e 100 trilhões de interconexões entre elas não fizeram do cérebro humano uma máquina perfeita, apesar de ser reconhecido como o fenômeno mais complexo do universo.

Os cérebros não funcionam como computadores. Cérebros não trabalham com informação, mas, sim, com o significado, que é formatado pela história do indivíduo e da civilização a que pertence.

Muitos neurocientistas acreditam que uma nova era de autoconhecimento está para surgir, o que garantirá felicidade geral para todos, no futuro. Ainda falta uma teoria sobre o cérebro e a mente. Mesmo na neurociência, aqueles que estudam moléculas e genes encontram dificuldades para se comunicar com os que se ocupam do estudo comportamental. Uma verdadeira ciência do cérebro enfatiza que a neurociência nada mais é que uma parte da resposta que o médico procura. Muito se aprende com o insight de romancistas, artistas e cientistas sociais para entender a pessoa no contexto da sociedade, o produto da evolução humana e o desenvolvimento pessoal moldado pelo contexto tecnológico, social e histórico. A ética não é algo que vem de fora da neurociência.

---

*O neurocientista inglês Steven Rose escreveu "Cérebro do Século XXI" (Ed. Globo). É sobre a relação do homem contemporâneo com o mundo da informática.*

## Para que servem os avós?

Leonardo Marcos Posternak

Neste mundo caótico, de intensa mobilidade social, os filhos saem de casa à procura de melhores empregos ou da química qualidade de vida. Assim, os membros das famílias se distanciam e diminui muito o contato afetivo, havendo a perda da identidade familiar. Por ter menos contato, em especial com os avós, as crianças têm menos chances de ouvir os costumes, mitos e romances familiares, via transmissão oral. Tem que "construir" seu passado por meio de

algumas poucas fotos e histórias distorcidas ou meias contadas pelos jovens pais.

Gabriel Garcia Marques, em seu livro "Viver para contar", nos ensina que a vida não é a que se viveu, senão a que lembramos e de como contamos nossas lembranças. As escolas tiveram que tomar para si essa incumbência, que acabou virando um trabalho escolar. Nada contra, mas, temos que reconhecer que nossas crianças entram em contato com os "retalhos dos retalhos" do passado e podem

correr o risco de ficar sem referências.

Os avós são importantes por isso e por muitas outras coisas maravilhosas. Um provérbio chinês diz que os avós devem mostrar aos netos que os picos das montanhas existem, cabe aos pais lhe mostrar como chegar até eles.

---

*Dr. Leonardo Marcos Posternak é pediatra em São Paulo. Escreveu "Cartas para uma Criança" – Ed. Globo – 2002 (ganhador do Prêmio Jabuti em Educação e Psicologia em 2003).*

## Para que serve a poesia?

Nelson Ascher

A boa poesia surpreende porque é capaz de concentrar tamanho leque de qualidades num pequeno número de palavras que requer muito trabalho, além da inspiração.

Gerações de críticos, estetas e teóricos se dedicaram a tentar descobrir para que serve a poesia e, por extensão, a literatura e as artes em geral. O problema com as espe-

culações deles reside menos na falta de conclusões convincentes do que na sua fartura. Poemas, ao que parece, têm utilidades as mais diversas (das didáticas às lúdicas) e, amiúde, contraditórias.

Nenhuma, porém, dá conta do fato simples de que, até onde se saiba, eles existem e existiram em todas as culturas.

A poesia, de quando em quando, suspenso para alguns (sem que, para tanto, seja necessário infiltrar moléculas complexas e estranhas no meio das sinapses) a pena capital (a morte) que pesa sobre todos.

---

*Nelson Ascher é um jovem poeta paulista. Escreve na Folha de S.Paulo.*

## O que é a classe média brasileira?

O Censo Demográfico de 2000 e a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2003, ambos do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, informam que cerca de 15,4 milhões de famílias brasileiras são de classe média, o que representa 31,7% do total. Em valores atualizados, no ano de 2005, o piso e o teto da renda mensal familiar são R\$ 1.556,00 e R\$ 17.351,00, respectivamente, com a renda mensal per capita variando de 1,7 a 9,4 salários mínimos. Ainda, segundo a POF, a classe média é responsável por cerca de 50% de tudo o que é consumido no Brasil. Historicamente, a classe média foi “inventada” na década de 30. Nessa época, deu-se início à política de industrialização e urbanização do país. O Estado necessitou da ampliação dos serviços nas grandes cidades. Isso durou até a década de 80, quando essa política foi abandonada. Daí por diante e, principalmente, na década de 90, o país passou a valorizar a elite e a crise econômica atingiu em cheio quem estava no

meio do caminho, entre a população pobre e a de classe alta. A globalização e a nova divisão internacional do trabalho instauradas nessa época ditaram as mudanças, desvalorizando o investimento em novas indústrias e serviços. Particularmente, aqui no Brasil, o confisco da poupança propiciada por Collor de Melo ajudou a afundar ainda mais as famílias de classe média.

As famílias de classe média que, mesmo numa crise financeira, querem manter um padrão de vida incompatível com a nova realidade, passam a usar o crediário e o endividamento para manter o consumismo. É preciso lembrar de que o aumento no consumo não garante a inserção na classe média. Hoje, a política econômica brasileira propicia poucas oportunidades de melhoria de vida.

Só cresce quem planeja.

*Cláudio Boriola, economista e consultor financeiro no Rio de Janeiro.*



## Planos de saúde

### A atual legislação governamental é adequada?

A regulamentação atual não permite resolver a tensão entre os vários atores envolvidos com a questão das operadoras de planos de saúde (seguradoras e cooperativas médicas), dos prestadores de serviços (hospitais, clínicas, médicos e profissionais de saúde), dos órgãos de defesa do consumidor, do Governo (Ministério da Saúde, da Justiça e da Fazenda), além de muitos outros. Estes atores defenderam posições muitas vezes antagônicas e a legislação surgida, sem dúvida, foi fruto do embate e das sínteses desses processos de disputa.

### Onde falha esse modelo regulatório?

Os detentores de planos individuais e/ou familiares não podem mudar de uma operadora para outra, pois, devem cumprir novos períodos de carência. Esta limitação leva a uma falsa fidelização, deixando o beneficiário “refém” da empresa. As questões

mais recorrentes versavam sobre aumentos de preços, negativa de atendimento e burocratização dos procedimentos para atendimento aos beneficiários e prestadores vinculados aos planos de saúde. Estes fatos, além da denúncia de problemas de solvência/falência de empresas operadoras de planos de saúde, evasão fiscal e a necessidade de controle/contenção dos preços da assistência médica, mobilizaram os setores go-

vernamentais para a aprovação de legislação específica.

As mudanças regulam as regras de entrada e saída de empresas do setor, a exigência de garantias financeiras para a operação, a não-ruptura unilateral dos contratos e a proibição da exclusão de doenças, e o fato da ANS editar um rol mínimo de procedimentos cobertos. Estas mudanças provocaram um maior impacto na operação do setor.

### Saúde complementar

Os planos de saúde constituem a chamada saúde suplementar ao SUS governamental. São gerenciados pelas operadoras e estão fora do controle do Governo. O setor de planos de saúde tinha até a metade do ano de 2006, cerca de 2 mil operadoras e 37 milhões de usuários, ou seja, 35% da população mais rica do país. A regulamentação dos planos de saúde foi feita em 1998, depois de 5 anos de debates. Depois disso foram editadas medidas provisórias sucessivas até agosto de 2001, quando foi editada a última, em vigor até hoje. O médico sanitário Fausto Pereira dos Santos, doutor pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, é o atual diretor-presidente da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), órgão regulador dos planos de saúde, vinculado ao Ministério da Saúde.

# Dr. Evandro Vieira Cezar, o portador do otimismo

Prof. Dr. Geraldo Furtado, compadre e amigo

Faleceu, com 73 anos, aos 45 minutos do dia 25/11 o Dr. Evandro Vieira Cezar, de João Pessoa. Ele foi o primeiro reumatologista de Paraíba e o quarto do Nordeste.

Eu o conheci quando fazia residência médica no Serviço do Prof. Jacques Houli no Grafrée e Guinle do Rio em 1967. Ele tinha chegado de um estágio de três anos do Serviço do Prof. Stanislas De Seze no Centro Viggo Petersen, Hospital Lariboisiere de Paris. Era o melhor serviço de Reumatologia do mundo. Depois deste estágio ele foi para Cornell University em New York, onde passou também três anos. Já tinha sido residente do Jacques Houli na Santa Casa tendo adquirido uma bagagem reumatológica invejável. Depois fez vários estágios no Serviço do Prof. Charles Menkes no Hospital Cochin de Paris, outro grande serviço de Reumatologia da França.

Era assistente estrangeiro da Faculdade de Medicina de Paris e Membro da Liga Francesa contra o Reumatismo. Em 1982 frequentou o primeiro curso de coluna organizado pela Sociedade Internacional de Coluna Vertebral. O curso foi em West Virginia nos EUA e contou com os melhores

especialistas em coluna do mundo como Nachemson da Suécia, Rotman, DePalma, White, Cassidy dos EUA e Robert Maigne da França, entre outros. Do Brasil foi um pequeno grupo chefiado pelo Dr. José Knoplich de São Paulo e lá estava o nosso bom Evandro e eu. Evandro apesar da sua cultura reumatológica invejável era de uma modéstia incrível.

Fiel aos seus amigos, sempre frequentava os eventos importantes da Reumatologia nacional e mundial. Mesmo portador de uma Necrose Asséptica Coxo-femural não resolvida e de Polineuropatia Progressiva que o levou a uma cadeira de rodas continuava a frequentar os eventos da Reumatologia com a alegria de sempre. Por isso eu o chamava de o "Portador do Otimismo". Jamais reclamou das doenças que o afligia. O último evento em que esteve presente foi uma tertúlia da academia em Salvador em 2002, organizada pelo Lipe Goldenstein, já de cadeira de rodas, era o mais alegre de todos. Desde aquele nosso primeiro encontro, em 1967, tornamo-nos grandes amigos ao ponto de convidá-lo para ser padrinho de batismo de um filho meu. Era o meu compadre favorito e viajamos juntos por este mundo afora onde houvesse um evento reumatológico de peso. Em 1995 fizemos um estágio de dois meses em Manipulação Vertebral no Hotel-Dieu de Paris, Serviço do Prof. Robert Maigne. No encerramento do estágio ele foi escolhido para fazer o discurso em nome da turma e nos brindou com um magistral discurso num francês impecável! Em 1998 fomos ao Congresso Internacional de Reumatologia em Paris. Quando estávamos entrando no centro de convenções do congresso avistamos o grupo de De Seze. Na frente o Prof. Marcel Khan um dos maiores da Reumatologia europeia e o mais antipático. Eu chamei a



Dr. Evandro Vieira Cezar no consultório do Prof. Charles Menkes, por ocasião de um estágio no serviço de reumatologia do Hospital Cochin de Paris

atenção do Evandro. Olha, compadre, os seus amigos do Serviço onde você estagiou aqui em Paris. Ele modestamente me disse: não vou falar com eles porque certamente eles não devem se lembrar de mim. Era a modéstia falando. Eu disse: por que não compadre?

Lembre-se que no congresso Brasileiro de Reumatologia de 1970, em Recife, você teve prestígio para trazer o De Seze que nos brindou com um magistral curso de Reumatologia.

Nisso o próprio Marcel Khan grita "Monsieur Cezár" venha cá falar com a gente. E levaram o Evandro para os abraços e foi uma festa danada do Khan, Lequesne, De Seze Rychewaert, Méier, etc... Então eu disse: viu compadre? Você com sua modéstia, pensava que não seria reconhecido pelo seu grupo e o que aconteceu, foi uma festa sensacional, não muito comum ao parisiense! Outra vez na apresentação do grupo brasileiro no Curso Internacional de Coluna, nos EUA, todos tinham que falar. Na vez do Evandro ele disse: sou do nordeste do Brasil uma região tão pobre e sofrida que os que nascem lá tem um coração que não bate, APANHÁ! Este era o nosso grande Evandro na sua humildade que contagiava a todos. Segundo um escritor paraibano, Gonzaga Rodrigues, ele era o portador da boa notícia. A Reumatologia paraibana está na orfandade!

*Prof. Dr. Evandro Vieira Cezar era o ocupante, como membro titular, da Cadeira 3, cujo patrono é o Prof. Dr. Luiz Venere Decourt.*

*Prof. Dr. Geraldo Emanuel Medeiros Furtado (atual ocupante, como membro titular, da cadeira 23 da Academia Brasileira de Reumatologia.*

## Homenagens em 2006

**Os ex-presidentes da ABR:**  
**Prof. Ueliton Vianna foi eleito Médico do Ano pela Associação Médica de Nova Iguaçu, o Prof. Lipe Goldenstein, pela Liga Bahiana Contra o Câncer, outorgado por Honra ao Mérito e o Prof. Aloysio Fellet recebeu homenagem pela imprensa de Juiz de Fora.**



## HISTÓRIA

Prof. Luiz Wertzmann e Israel Bonomo do arquivo do Prof. Geraldo Furtado.

## Sentir e não entender a realidade da Bienal de São Paulo

A Bienal de São Paulo foi realizada de 7 de outubro a 17 de dezembro de 2006, no Ibirapuera. Essa é a 27ª mostra. A primeira foi em 1951. Foi um escândalo e um susto.

Era um monte de “coisas” que as pessoas não sabiam interpretar. Aquela monstruosidade toda exposta era muito desnordeante. Na segunda Bienal, em 1953, veio a grande exposição sobre Picasso, com o famoso quadro “Guernica”. Também não se entendeu muito bem, mas era o tema daquele momento. Escândalo menor, pois tudo isso é arte?

Os artistas modernos brasileiros que fizeram a Semana de Arte Moderna, em 1922, buscavam a sua inspiração e ensinamentos nos pintores e escolas francesas. Depois da Segunda Guerra Mundial e os horrores praticados nos campos de batalha e nos campos de concentração, mudou a nossa visão do mundo. As atenções se voltaram para o Novo Mundo e surgiu a arte realizada nos E. Unidos e nos países da América Latina. A Bienal de 51, no pós-guerra foi esse novo olhar na arte moderna. Começa a se perceber que havia uma arte importante nos Estados Unidos, e, que, portanto, havia um outro pólo que estava se construindo, a arte moderna, como arte contemporânea.

A arte representativa, clássica de pessoas e objetos, acabou como um processo figurativo que começou com o Renascimento e caminhou até o século 19, por que foi inven-



“Guernica”, óleo sobre tela de Pablo Picasso

tada a máquina fotográfica. A arte da pintura passou a ser, assim, uma reflexão, se não sobre si mesma, pelo menos sobre o objeto que ela está focando, quando surgem as deformidades e as interpretações, ideológicas ou não. O rosto de uma pessoa não é mais pintado com detalhes anatômicos, mas, com a sensação de que junto com o rosto pode-se associar uma biografia de pensamento e ações com as deformidades sugeridas.

O artista é um construtor, é um contestador. Na arte moderna um objeto qualquer é questionado, pode ser visto dos mais diferentes aspectos. Num quadro cubista um objeto é colocado em um caleidoscópio. É visto por

uma perspectiva clássica, e uma perspectiva centrífuga, que abre a visibilidade, ao mesmo tempo, para vários ângulos (interpretações).

O artista não faz um decalque da realidade, mas, mistura suas emoções ao pintar.

Na Bienal, ouve-se muito: o que significa isso que está pintado?, significa para quem?, quem vê?, quem pintou?, mas, o que significa para você?, mas, que emoção esse quadro, essa escultura, esse vídeo, passou para você?

A arte escapa dos domínios da realidade e nos faz pensar em alternativas, nos mostrando como ver os fatos e objetos com os nossos olhos de formas diferentes e com outros conceitos.

### Isso é arte?

A artista mineira Marilá Dardot investiga a linguagem, seus componentes, o processo de criação de significados, de constituição das palavras, e, portanto, a literatura tem uma forte presença em seus trabalhos.

Há algum livro que você gostaria de compartilhar com o mundo?

A partir desta pergunta, convidou as pessoas para participar da sua exposição “A Biblioteca de Babel”. Uma biblioteca que poderia conter todos os livros do mundo. Também fazem parte da instalação plantas, redes, esteiras, almofadas, prateleiras, caixas e um relógio. Os visitantes podem passar um tempo lendo os livros coletados.

Isso é arte moderna? Pintura ou sociologia? O movimento chamado de dadaísta, criado em 1916, em Zurique, por jovens franceses e alemães que, se tivessem permanecido em seus respectivos países, teriam sido convocados para o serviço militar, foi um movimento de negação. Durante

a Primeira Guerra Mundial, artistas de várias nacionalidades, exilados na Suíça, eram contrários ao envolvimento dos seus próprios países na guerra.

Fundaram, então, um movimento literário para expressar suas decepções em relação à incapacidade da ciência, religião, filosofia que se revelaram pouco eficazes em evitar a destruição da Europa. A palavra Dada foi descoberta, acidentalmente, num dicionário alemão-francês. Dada é uma palavra francesa que significa, na linguagem infantil, “cavalo de pau”. Esse nome escolhido não fazia sentido, assim como, a arte que perdera todo o sentido diante da irracionalidade da guerra.

Sua proposta era que a arte ficasse solta das amarras racionalistas e fosse apenas o resultado do automatismo psíquico, selecionando e combinando elementos ao acaso. Sendo a negação total da cultura, o Dadaísmo defende o absurdo, a incoerência, a desordem, o caos. Politicamente, firma-se como um protesto contra uma civilização que não conseguiu evitar a guerra.